
O orgulho periférico em “Fórmula mágica da paz” do Racionais MC’s: uma análise semiótica*

Lucas Rony Araújo Pereira de Souzaⁱ

Eliane Soares de Limaⁱⁱ

Resumo: Considerado um dos pioneiros do rap no Brasil, o Racionais MC’s, desde os anos 1990, tem sido um dos principais responsáveis por criar, por meio de suas canções de protesto e denúncia, que pensam criticamente a realidade dos jovens da periferia, um novo modo de essas pessoas se enxergarem em relação ao mundo, incentivando um posicionamento não mais marcado pela depreciação, mas sim, segundo Tiarajú Pablo D’Andrea (2013), pelo orgulho de ser periférico. O objetivo deste artigo é, portanto, compreender como as letras do grupo promovem essa transformação no pensamento social, descrevendo, a partir da proposta teórico-metodológica da Semiótica Discursiva, as condições linguageiras que possibilitam a produção desse efeito de orgulho periférico de que fala o sociólogo. A proposta é explorar os diferentes níveis de construção do discurso de uma das letras emblemáticas do álbum *Sobrevivendo no inferno* (1997), “Fórmula mágica da paz”, procurando observar as estratégias enunciativas empregadas, os recursos persuasivos que mais se destacam. Acreditamos que esta investigação pode apontar para uma forma discursiva padrão, passível de ser reconhecida também nas outras letras do mesmo álbum, responsável pela recorrente incitação ao sentimento de orgulho periférico.

Palavras-chave: rap; Racionais MC’s; orgulho periférico; periferia; Semiótica Discursiva.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.235140>.

ⁱ Graduando do Curso de Letras (Português/Literaturas) da Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista PIBIC-CNPq. Niterói, RJ, Brasil. E-mail: lucasrony@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4066-3848>.

ⁱⁱ Docente do Departamento de Ciências da Linguagem e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE-FAPERJ). Niterói, RJ, Brasil. E-mail: elianesi@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0198-4473>.

A voz e a vez da periferia

O termo *periferia*, e conseqüentemente o *ser periférico*, sofreu diversas transformações de sentido com o passar do tempo. É isso o que apontam os estudos do sociólogo e pesquisador das questões periféricas no Brasil Tiarajú D’Andrea (2013), coordenador do Centro de Estudos Periféricos da Unifesp. Por muito tempo a condição dos moradores da periferia foi — e ainda é — estigmatizada socialmente. Basta perceber como o termo “favelado” ou “favelada” ainda pode ser utilizado como característica pejorativa para ofender as pessoas que vivem nas favelas. No entanto, D’Andrea (2013) demonstra em sua pesquisa que, nas décadas recentes, os periféricos começaram a enxergar de maneira diferente a sua própria existência e posição social. Nas palavras do pesquisador, por volta dos anos 1990, “periferia passa a ser um termo utilizado como marcador da presença ativa de populações vistas não sob o signo da fragilidade, mas da potencialidade” (D’Andrea, 2013, p. 10). No Rio de Janeiro, esse mesmo deslocamento ocorreu com o termo “favela”.

Essa mudança de compreensão, ainda segundo D’Andrea (2013), tem início com a parcela mais jovem e negra da população, quando essas pessoas começam a se colocar no mundo não mais a partir do estigma, mas a partir do brio em relação às suas origens, sua maneira de se vestir, andar, falar, gesticular e se movimentar pela cidade. Com isso, se inicia uma luta contínua pela valorização da cultura desse grupo, a cultura negra, e por conseguinte, a cultura da periferia ou da favela. Ou seja, a partir desse movimento social, o periférico ou o favelado não mais precisa se envergonhar de tais termos, já que suas origens não mais devem refletir inferioridade, mas sim, potência, força, resistência. Criase uma valorização do ser periférico, isto é, um orgulho por parte dos moradores de periferia em relação às suas origens e maneiras de viver.

O orgulho periférico remete, assim, a um movimento não só de autorreconhecimento pelo indivíduo na sua posição marginalizada socialmente, mas também de autoestima, de orgulho sobre quem ele é no mundo, e os estudos de D’Andrea (2013) demonstram que as influências artísticas possuíram um papel de grande importância na promoção dessa nova subjetividade entre as populações periféricas. Mais especificamente, o sociólogo defende que o grupo de rap Racionais MC’s foi um dos principais responsáveis por essa transformação de pensamento dentro da conjuntura social brasileira, ao difundir-la tanto em sua postura pública quanto internamente no discurso de suas letras.

Desde os anos 1990 — período que D’Andrea (2013) aponta como o início do surgimento do orgulho periférico no país —, o Racionais MC’s é consagrado como um dos pioneiros do rap no Brasil e, até hoje, um dos maiores ícones do movimento *hip-hop* nacional. Ao longo de toda sua extensa produção musical, o

coletivo formado pelo DJ KL Jay e os *rappers* Mano Brown, Ice Blue e Edi Rock utiliza seu discurso para denunciar o racismo, a desigualdade social no país, a violência e a criminalidade presentes nas regiões de pobreza, as dificuldades vividas pela população pobre, entre outros temas contundentes compreendidos na vivência brasileira. Para Mano Brown, um de seus desejos com a música do grupo era fazer com que seus ouvintes “se valorizassem e gostassem de si mesmos” (Kehl, 1999, p. 97). Tal vontade se expressa em mensagens de exortação para seu público, como na introdução do álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002), em que o *rapper* diz de forma enfática: “Agora vem com a sua cara, sou mais você nessa guerra”.

Por meio do som das rimas, que embalam e animam seu público, o grupo se empenha em garantir que suas canções sejam uma fonte de incentivo à resistência contínua para os enfrentamentos cotidianos do povo pobre, conforme lembra Edi Rock na música “A vida é desafio” (2002): “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você, ‘truta’, é imbatível”. A ideia parece ser justamente a de oferecer novas perspectivas de vida para seus ouvintes, que estão imersos dentro de um contexto de violência generalizada, tal como acontece em “Fórmula mágica da paz” (1997): “Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho / Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho”.

Por isso, D’Andrea (2013) define os Racionais como “os principais expoentes de uma nova forma de enxergar os territórios da pobreza no Brasil, e, por extensão, o próprio Brasil”. O discurso presente nas letras do grupo tem sido um sintetizador da valorização do povo periférico, num posicionamento não mais marcado pelo estigma, mas pelo orgulho.

Diante disso, “tomando como objeto de estudo a significação, ou mais especificamente, o processo que lhe garante a existência e concebe o texto como um espaço de relações formais, de articulações, que podem ser (re)construídas por um trabalho de análise” (Lima, 2009, p. 190), interessa-nos, neste breve estudo, examinar, por meio de um exemplo, as condições discursivas de configuração desse efeito de *orgulho periférico* de que fala D’Andrea. Para isso, fundamentamos esta investigação na teoria e na metodologia da Semiótica Discursiva, que permite estudar o percurso de geração do sentido de determinado discurso por meio de três etapas de organização passíveis, cada uma delas, de serem descritas e explicadas por uma gramática autônoma, uma sintaxe e uma semântica, sem perder de vista que a significação produzida depende, sobretudo, da relação entre elas, entre esses diferentes níveis da constituição discursiva (Barros, 2001).

Pautados por esse caminho metodológico de base, interessa-nos identificar e descrever, no plano de conteúdo de uma das canções do Racionais MC’s no álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), “Fórmula mágica da paz”, os mecanismos discursivos subjacentes a esse discurso que compartilha saberes

periféricos a partir de uma narrativa crítica sobre a realidade de luta pela sobrevivência em um contexto marcado pela constante tensão entre vida e morte.¹ O discurso da letra de “Fórmula mágica da paz”, composta por Edi Rock e Mano Brown, endereça-se, assim — como é típico nas letras do Racionais — aos sujeitos periféricos, para levá-los a encontrar sua “fórmula mágica da paz”, um rumo melhor para as suas vidas, apresentando o que, de acordo com Fernandes e Pereira (2017), pode ser concebido como uma espécie de narrador *griot*, ou seja, o típico contador da história de sua comunidade, geralmente o ancião de uma tribo africana, devido à sua sabedoria e ao conhecimento de vida por ele acumulado. Segundo Melo (2009, p. 149), o *griot* é:

o agente responsável pela manutenção da tradição oral dos povos africanos, cantada, dançada e contada através dos mitos, das lendas, das cantigas, das danças e das canções épicas; é aquele que mantém a continuidade da tradição oral, a fonte de saberes e ensinamentos e que possibilita a integração de homens e mulheres, adultos e crianças no espaço e no tempo e nas tradições; é o poeta, o mestre, o estudioso, o músico, o dançarino, o conselheiro, o preservador da palavra. A palavra que, na cultura africana, é muito importante, pois representa a estrutura falada que consolida a oralidade. O poder da palavra garante a preservação dos ensinamentos desenvolvidos nas práticas essenciais diárias na comunidade.

É por isso que Fernandes e Pereira (2017) propõem — a partir da aproximação já feita por Flávio Renegado em uma entrevista para o programa “A arte do artista”, da TV Brasil, exibido em 28 de setembro de 2016 — a possibilidade de estabelecer uma relação — resguardadas as diferenças e especificidades de um contexto cultural e outro — entre o *rapper* e o *griot* africano no exercício da palavra, e “Fórmula mágica da paz” parece-nos ser um bom exemplo para a demonstração da viabilidade dessa analogia, dado ser mais uma letra do grupo que conta a história de sua comunidade, anunciando e mantendo viva a realidade periférica.

Para Vianna (2008, p. 9), “os raps podem ser entendidos como um tipo de apropriação que o rapper faz da palavra para poder tornar sua comunidade e histórias visíveis”. Também para Oliveira, Segreto e Cabral (2013, p. 107), “a palavra é a arma que se empunha e a perspectiva de luta deve ser coletiva”. Assim, ao dar voz à periferia, tornar visíveis as lutas e a força daqueles que nela vivem, o discurso engajado do rap convoca a uma tomada de consciência crítica do drama que envolve a condição existencial, identitária e subjetiva dos sujeitos periféricos.

¹ Para uma análise semiótica do plano de expressão melódico de canções de rap, consultar os trabalhos de Marcelo Segreto (2015, 2019, entre outros).

1. A construção discursiva do efeito de orgulho periférico em “Fórmula mágica da paz”

1.1. Procedimentos de discursivização

Para Gutierrez (2015, p. 4), a consciência é o elemento que:

amarra a configuração do Hip Hop como uma subcultura jovem que organiza um sentido para uma existência dura e repleta de adversidades concretas e materiais experimentadas pelos moradores dos guetos do mundo todo.

A conscientização promovida pelo movimento Hip Hop organiza a compreensão das dificuldades enfrentadas pelas populações periféricas a partir da reflexão sobre as situações concretas de seu cotidiano, exercendo um papel político de grande importância. Na letra “Fórmula mágica da paz”, podemos perceber como essa consciência social é conduzida pelo narrador, um eu que conta sobre a sua experiência pessoal de vida, mas sem deixar de englobar a totalidade de sua comunidade, em um movimento de busca pela conscientização de seu grupo social. Na letra, a presença desse narrador que não apenas fala sobre a periferia, mas, sobretudo, a vive, sendo parte e produto dela, pode ser percebida desde os primeiros versos:

Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui?
Mas, aí, *minha* área é tudo o que eu *tenho*
A *minha* vida é aqui e eu *não consigo sair*
É muito fácil fugir, mas eu *não vou*
Não vou trair quem eu *fui*, quem eu *sou*
Eu *gosto* de onde eu *tô* e de onde eu *vim*
O ensinamento da favela foi muito bom *pra mim*

Como explica Fiorin (2001, p. 57), a sintaxe do discurso estuda “três procedimentos de discursivização, a actorialização, a espacialização e a temporalização, ou seja, a constituição das pessoas, do espaço e do tempo do discurso”. No trecho em análise, a sintaxe discursiva articula as projeções do eu-aqui-agora, em uma debreagem enunciativa, que institui a perspectiva de um narrador (eu), que comunica simulando o tempo da enunciação, o presente (agora), e o seu espaço atual, a periferia (aqui).

Barros (2005, p. 57) ressalta que, na perspectiva da Semiótica Discursiva, essa escolha de projeção “fabrica o efeito de subjetividade na visão dos fatos vividos e narrados por quem os viveu, que os passa, assim, impregnados de ‘parcialidade’”. O discurso da letra é, portanto, inteiramente subjetivo, pois está

condicionado à percepção desse eu que narra de um ponto de vista interno, como participante daquilo que conta. Essa subjetividade é evidente, já que os primeiros versos nos inserem na reflexão pessoal desse sujeito sobre a sua vida e a sua origem. Seu aqui é figurativizado como um “campo minado”, um lugar perigoso, de armadilhas, que, entretanto, é ainda assim valorizado por ele, porque está intimamente atrelado à constituição de sua identidade. Isso é perceptível pelo tema do pertencimento presente nos versos “Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho / A minha vida é aqui e eu não consigo sair / É muito fácil fugir, mas eu não vou / Não vou trair quem eu fui, quem eu sou”. Ainda nessa mesma estrofe, ao fim, esse espaço da enunciação projetada é figurativizado também como “favela”, o que nos permite compreender que o discurso se inicia como uma reflexão sobre a vida periférica, a partir do olhar e da compreensão de um eu que pertence a ela e, por isso, a valoriza: “Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim / O ensinamento da favela foi muito bom pra mim”.

O tema do pertencimento, da valorização do lugar de origem, como podemos ver, apresenta-se já de maneira figurativa nessa primeira estrofe, fortalecendo a força de convocação sensível do discurso. Além disso, as figuras do campo minado e da favela, bem como seu jeito de falar, repleto de gírias e palavrões, permitem caracterizar de modo mais específico esse narrador, como um sujeito periférico, alguém que está na periferia, que nela nasceu e se criou, o que lhe garante autoridade sobre aquilo de que fala. Assim, os temas do pertencimento e da valorização da existência periférica não são explorados de maneira abstrata, mas concretamente, a partir de quem sabe e conhece bem aquilo de que fala. De resto, é importante observar que esse narrador periférico estabelece um diálogo direto com um sujeito também pertencente ao seu contexto social. Seu narratário, aquele a quem a narração se dirige, e que é, dessa forma, por ela construído, é igualmente um morador da periferia, um sujeito periférico. Essa interação se explicita em versos como:

Eu tento adivinhar o que *você* mais precisa
 Levantar *sua* goma ou comprar *uns* pano
 Um advogado pra tirar *seu* mano
 No dia da visita *você* diz
 Que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no X
 Então, como eu tava dizendo, *sangue bom*
 Isso não é sermão, *ouve aí*, tem o dom?
Eu sei como é que é
 É foda, *parceiro*
 É... a maldade na cabeça o dia inteiro
 Nada de roupa, nada de carro, sem emprego
 Não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro
 Sendo assim, sem chance, sem mulher
Você sabe muito bem o que ela quer
 Encontre uma de caráter se *você* puder
 É embaçado ou não é?

O *você*, para quem se narra, aparece de maneira explícita no texto, o que reforça o efeito de que os actantes são/estão próximos, em uma comunicação direta um com o outro. O traço de proximidade da relação é ainda corroborado pelas expressões “sangue bom”, “parceiro”, ou ainda pela asseveração: “Eu sei como é que é”. Essa estratégia de afirmação da proximidade é tão marcante que o narrador tenta, inclusive, adivinhar quais são as necessidades desse narratário: “Levantar sua goma” [reformatar a casa]; “comprar uns panos” [comprar roupas]; “Um advogado pra tirar seu mano” [da prisão]. Firma-se, com isso, uma intimidade, uma cumplicidade estabelecida entre enunciador e enunciatário, projetados no enunciado como narrador e narratário, o que reforça a força persuasiva do discurso da letra.

A vivência daquele que fala, sua subjetividade, é a mesma da do narratário. Ele entende como o outro se sente, o que se passa na sua mente e quais são as suas faltas (“Nada de roupa, nada de carro, sem emprego / Não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro / Sendo assim, sem chance, sem mulher”). Narrador e narratário estão, pois, atravessados por um senso de coletividade que se fortalece na letra. Ambos fazem parte de um *nós*, de uma subjetividade coletiva, são sujeitos da periferia, parte de um grupo que sente paixões parecidas e vive situações similares, desejos e privações.

O *eu* projetado engloba, assim, como já pontuado, uma compreensão que vai além da sua experiência individual; como sujeito que organiza o sentido das experiências periféricas, representando-as. Ele é, pois, o condutor da consciência (Gutierrez, 2015, p. 04), o porta-voz da experiência, do que é vivido não apenas por ele, mas por toda uma comunidade. Esse narrador se constrói, por conta disso, como uma figura de sabedoria, capaz de contar sobre a periferia, de representá-la, porque a conhece bem, é parte dela, seu produto, tendo acumulado, por isso mesmo, conhecimento profundo sobre ela. Trata-se de um saber embasado em sua memória. O passado já vivido que permitiu o aprendizado.

É justamente esse posicionamento assumido pelo narrador de “Fórmula mágica da paz” que faz dele uma espécie de griot contemporâneo, ou, nas palavras de Fernandes e Pereira (2017, p. 620): um “[...] griot futurista que mantém vivos os ancestrais/No tambor, nos Beats [...]”. O narrador se apresenta, de fato, como um tipo de mestre, que integra o coletivo e, por isso, procura trazer os seus para perto, comunicando palavras de ensinamento, tal como fazem os griots africanos. Conforme explica Ferreira (2012, p. 145), o “griot [...] não traz em sua essência apenas histórias de um povo, mas também sabedorias e experiências de vida”, e o narrador de “Fórmula mágica da paz”, em sua argumentação no desenrolar do discurso da letra, parece procurar exercer papel parecido, mas dentro da especificidade de seu tempo e sua cultura. Ele conta

sobre situações pessoais vividas por ele, mas que englobam toda a comunidade de moradores periféricos, como mostra o excerto a seguir:

Ninguém é mais que ninguém, absolutamente
Aqui quem fala é mais um sobrevivente
Eu era só um moleque, só pensava em dançar
Cabelo black e tênis All Star
Na roda da função mó zoeira
Tomando vinho seco em volta da fogueira
A noite inteira, só contando história
Sobre o crime, sobre as treta na escola
Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério
Admirava os ladrão e os malandro mais velho
Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga
O que melhorou?
Da função, quem sobrou?
Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá
Qual a próxima mãe que vai chorar?
Há, demorô! Mas hoje eu posso compreender
Que malandragem de verdade é viver
Agradeço a Deus, aos orixás
Parei no meio do caminho e olhei pra trás
Meus outros manos todos foram longe demais
Cemitério São Luiz, aqui jaz

Nesses versos, narra-se, inicialmente, o tema da igualdade (“Ninguém é mais que ninguém, absolutamente / Aqui quem fala é mais um sobrevivente”), o efeito de coletividade que não se pode perder de vista, de que “somos todos um”, sobrevivendo ao mesmo “campo minado”. Mas o que é importante percebermos nessa estrofe é a maneira pela qual o narrador retoma acontecimentos já vividos por ele, em um momento de seu passado (“Eu era só um moleque, só pensava em dançar / Cabelo black e tênis All Star / Na roda da função, mó zoeira / Tomando vinho seco em volta da fogueira”). Esse acesso a sua memória se dá a partir das projeções de tempo e de espaço, que agora não mais simulam o presente da enunciação, mas sim, estabelecem referentes distantes, um então e um lá que são comparados ao agora da enunciação enunciada. O narrador projeta-se em um outro tempo e em um outro espaço, que cronologicamente existem anteriormente ao enunciado, construindo um percurso intercalado, que vai e volta no tempo-espaço do que é contado, garantindo o efeito de presentificação, que tem maior força retórica. O passado é retomado com o objetivo de provocar uma reflexão sobre o presente, principalmente para aqueles que possam ainda estar neste estágio: “Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério / Admirava os ladrão e os malandro mais velho / Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga / O que melhorou? / Da função, quem sobrou? / Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá / Qual a próxima mãe que vai chorar?”. Ou seja, pessoas

que, anteriormente, eram entendidas por esse narrador como admiráveis (“Os ladrão e os malandro mais velho”), hoje, não estão mais presentes, foram mortas. Elas revelam, por isso, um caminho que não deve ser seguido, pois é o caminho que leva à morte.

Essa memória, construída pelo manejo das projeções de tempo e de espaço, funciona como um embasamento para o conhecimento mostrado pelo narrador, além de fortalecer os laços da interação, mantendo o efeito de proximidade, como se procurasse dizer a seu enunciatário/narratário: “sim, eu também já fui assim, também já achei que era esse o caminho a seguir”. Mas o narrador viveu e viu situações que serviram de aprendizado, que mudaram a sua forma de pensar: “Há, demorô! Mas hoje eu posso compreender / Que malandragem de verdade é viver / Agradeço a Deus, aos orixás / Parei no meio do caminho e olhei pra trás / Meus outros manos todos foram longe demais / Cemitério São Luiz aqui jaz”. Assim, o eu que fala pode assumir a posição de um mestre, um griot contemporâneo, alguém que experimentou a vida periférica e seus desdobramentos, adquirindo saberes, adquirindo conhecimento a ser agora transmitido aos próximos com o intuito de salvá-los.

Através da narração desse eu, o enunciatário pode adentrar o universo temático da periferia, a partir das vivências que são contadas, detalhadas por figurativização icônica. Isso permite ao enunciatário perceber que o espaço periférico é preenchido por elementos contrastantes, pois, assim como existem nele os problemas do cotidiano periférico, como a criminalidade e a violência, também há a possibilidade de condutas diferentes, que, como insiste o narrador, correspondem à verdadeira “malandragem”, o caminho correto da vida.

Hoje tá da hora o esquema pra sair
É... vamo, não demora, mano, chega aí

[ICE BLUE]

Cê viu ontí?

Os tiro ouvi um monte

Então, diz que tem uma pá de sangue no campo

[MANO BROWN]

Mas... lh, mano,

toda mão é sempre a mesma ideia junto

Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto

Traz a fita pra ouvir porque eu tô sem

Principalmente aquela lá do Jorge Bem

Simula-se, nesses versos, um diálogo entre o narrador, agora projetado, por uma debreagem enunciativa de segundo grau, como interlocutor, e seu parceiro (Ice Blue), que, neste momento, brevemente atua como seu interlocutário. Nesse diálogo entre amigos, Ice Blue, projetado como ator do enunciado, tenta contar

sobre um episódio de violência do qual teve conhecimento: “Cê viu onti? Os tiro ouvi um monte / Então, diz que tem uma pá de sangue no campão”. O tema da violência exacerbada aparece de maneira figurativa: “tiro de monte”, “pá de sangue”. Entretanto, Mano Brown escolhe ignorar o assunto, pedindo uma conversa diferente: “Mas... lh, mano, / toda mão é sempre a mesma ideia junto/ Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto”. Ele não quer estragar o clima, quer ouvir uma fita do “Jorge Ben”, famoso cantor e compositor brasileiro. O narrador, dessa maneira, aponta para a necessidade de se pensar em novos caminhos de vida, de superar a violência que os cerca para apreciar experiências diferentes, que, nesse caso, é o prazer que vem pela música.

Essa conduta do narrador remete à busca pela “fórmula mágica da paz”, figura que parece representar a procura por um futuro diferente, mais eufórico. É o que diz o refrão da letra:

Eu vou procurar, sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás
Da fórmula mágica da paz
Eu vou procurar, sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás

O narrador se coloca como Sujeito e Destinador nessa busca pela transformação de seu cotidiano, ainda que o você, o sujeito periférico a quem ele se dirige, pareça não acreditar: “Você não bota uma fé”. Essa desconfiança do narratário está baseada nas dificuldades presentes no cotidiano, que ofuscam qualquer sinal de esperança em uma vida diferente. Essa desesperança que existe na periferia não é jamais ignorada pelo narrador, que reconhece constantemente como a experiência periférica está preenchida pela violência e pela morte, que ganham concretude na figurativização de uma cena típica e familiar a muitos dos moradores desse campo minado:

Choro e correria no saguão do hospital
Dia das Criança, feriado indo pro final
Sangue e agonia entra pelo corredor
“Ele tá vivo? Pelo amor de Deus, doutor!”
Quatro tiros do pescoço pra cima
Putá que pariu, a chance é mínima
Aqui fora, revolta e dor
Lá dentro, estado desesperador
[...]
Pode crê, eu me senti inútil, eu me senti pequeno
[...]
Putá desespero, não dá pra acreditar
Que pesadelo, eu quero acordar

Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum
O Derley era só mais um rapaz comum
Dali a poucos minutos
Mais uma dona Maria de luto

O trecho narra a tragédia da morte violenta, sofrida por alguém que é próximo do narrador. Mais uma vez o uso da debreagem enunciativa de segundo grau intensifica a concretude da cena que se presentifica para o enunciatário, assim como o sentimento de impotência do narrador diante de tal situação, quando, mesmo parecendo uma grande injustiça, não há mais o que fazer: “eu me senti inútil, eu me senti pequeno”. O processo de figurativização desenha essa cena de maneira explícita, icônica, ao permitir ao enunciatário adentrar os corredores ensanguentados do hospital onde tudo acontece: acompanhar o desespero daqueles que acompanham o baleado; sentir o estado de caos que toma a situação e o final trágico, mas, de certa forma, já esperado. A violência e o sofrimento que existem na periferia não são ocultados, mas sim, expostos de forma palpável, porque visível e sensível. São mesmo denunciados:

Que porra é essa? Que mundo é esse? Onde tá Jesus?
Mais uma vez, o emissário
Não incluiu Capão Redondo em seu itinerário
Porra, eu tô confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar
Eu já não sei distinguir quem tá errado
Sei lá, minha ideologia enfraqueceu
Preto, branco, polícia, ladrão ou eu?
Quem é mais filha da puta, eu não sei
Aí fudeu, fudeu, decepção essas hora
A depressão quer me pegar, vou sair fora

Explicita-se a decepção com o sistema, com Deus, com quem quer que seja que nada fez para evitar episódios como esses, que fazem pensar na injustiça das condições de vida dos sujeitos periféricos, no seu desamparo. Há uma quebra do contrato fiduciário², fazendo emergir um estado patêmico de decepção que assola o narrador, a ponto de ele nem mesmo conseguir mais discernir as coisas: “Porra, eu tô confuso, preciso pensar/ Me dá um tempo pra eu raciocinar/ Eu já não sei distinguir quem tá errado/ Sei lá, minha ideologia enfraqueceu/ Preto, branco, polícia, ladrão ou eu?/ Quem é mais filha da puta, eu não sei”.

² Conforme explica Barros (2001, p. 64): “Na espera fiduciária, o sujeito do estado mantém com o sujeito do fazer uma relação fundamentada na confiança. O sujeito do estado pensa poder contar com o sujeito do fazer para realizar suas esperanças ou direitos, ou seja, atribui ao sujeito do fazer um /dever-fazer/. Não se trata, na maior parte das vezes, de contrato verdadeiro e sim de contrato de confiança, um pseudocontrato ou contrato imaginário. [...] A contrapartida da *espera* são a *satisfação* e a *confiança* ou a *insatisfação* e a *decepção*, que ocorrem da conjunção ou da disjunção do sujeito com o objeto-valor desejado e da conservação ou da perda da confiança investida no contrato simulado”.

Essas situações são apresentadas como experiências compartilhadas por aqueles que pertencem à comunidade periférica, como mais uma estratégia de sensibilização ao recado da letra:

Dois de novembro, era Finados
Eu parei em frente ao São Luiz do outro lado
E durante uma meia hora olhei um por um
E o que todas as senhoras tinham em comum?
A roupa humilde, a pele escura
O rosto abatido pela vida dura
Colocando flores sobre a sepultura
Podia ser a minha mãe

O senso de coletividade é mais uma vez retomado, de forma a relembrar que essas vivências e paixões, a decepção com o modo de funcionamento das coisas, da vida, são experimentadas por todos os moradores das áreas periféricas. Esse recurso corrobora a ideia de cumplicidade entre enunciador e enunciatário, de entendimento profundo daquele que fala para com aquele que se reconhece nessa realidade. Esses iguais que possuem a mesma origem, o mesmo perfil de família, as mesmas dores. Nesses versos, mais especificamente, temos o luto que é compartilhado por todas as mães que perdem seus filhos em situações de violência e criminalidade.

O cotidiano periférico é construído, pois, de forma a não apenas contar, mas mostrar ao enunciatário a periferia enquanto “campo minado”, inferno ao qual é necessário sobreviver, sempre se movendo em meio às armadilhas da morte. Dentro desse simulacro de “mundo cão”, se o narrador, como já dito, é aquele que possui a “sabedoria das ruas”, pois viveu e vive de perto tudo o que é narrado, o narratário, por sua vez, é aquele a quem se busca passar esse conhecimento, ele é aquele a ser aconselhado, convidado a também buscar a sua “fórmula mágica da paz”. Essa intenção persuasiva se torna mais evidente nos versos finais da letra:

Cada lugar, uma lei, eu tô ligado
No extremo sul da Zona Sul tá tudo errado
Aqui vale muito pouco a sua vida
Nossa lei é falha, violenta e suicida
Se diz que, me diz que, não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela (legal)
Assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre
A gente vive se matando, irmão, por quê?
Não me olha assim, eu sou igual a você
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho.
[...]

Pra todas as famílias aí que perderam pessoas importantes, morô,
meu?
Procure a sua paz
Não se acostume com esse cotidiano violento
Que essa não é a sua vida
Essa não é a minha vida, morou, mano?

O discurso da letra se configura, dessa forma, como um conselho, uma exortação, ou mesmo um mandamento, aos sujeitos periféricos que convivem com a violência e a morte em seu dia a dia (“as famílias que perderam pessoas importantes”): “Procure a sua paz”. Trata-se da clara intenção de levar essas pessoas a encarar o “cotidiano na periferia [...] de forma ativa com as possibilidades e encruzilhadas que a vida na cidade violenta e segregada apresenta para seus habitantes” (Gutierrez, 2015, p. 2). Sobreviver é resistir, é ser resistência.

Os temas, figurativizados iconicamente, construindo o simulacro da periferia, possibilitam não apenas a reflexão sobre, mas, sobretudo, a experimentação dos enfrentamentos que fazem parte desse cotidiano violento, a fim de, na proximidade construída entre narrador e narratário, embasar a argumentação de que a comunidade, o nós formado pelos sujeitos periféricos, precisa mudar os caminhos de sua vida, não se acostumar com a violência, “descansar os gatilhos” e buscar a “fórmula mágica da paz”, que trará um futuro melhor, mais pacífico: “Procure a sua paz/ Não se acostume com esse cotidiano violento/ Que essa não é a sua vida/ Essa não é a minha vida, morou, mano?”.

É essa relação, entre conselheiro e aconselhado, ou melhor, entre o Destinador e o seu destinatário, que reforça a ideia do narrador como a figura de um griot contemporâneo. O nós que emerge do eu. Assim como um griot, o narrador de “Fórmula mágica da paz” está “essencialmente vinculado à memória coletiva, à história cotidiana e à identidade de um povo com o qual não apenas se identifica, mas do qual também é uma espécie de porta-voz” (Fernandes; Pereira, 2017, p. 622) e, “por meio de sua voz, dá voz às histórias, memórias e sonhos da comunidade periférica na qual está inserido” (p. 630). Por isso, podemos pensar nessa letra — resguardadas as especificidades socioculturais em relação aos verdadeiros griots africanos — como um ensinamento passado por um griot, produzido e transmitido coletivamente entre os sujeitos periféricos, para que alcancem de fato a “fórmula mágica da paz”, a verdadeira malandragem, que é viver; acima de tudo, sobreviver.

1.2 A organização narrativa da letra

Conforme lembra Barros (2001, p. 13), “a semiótica, como a vê Greimas, tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto signifiante

para o homem”. A narratividade é compreendida, então, dentro dessa perspectiva, como uma relação entre sujeitos e objetos em circulação no interior dos simulacros de mundo construídos por todo discurso. Conforme esclarece Barros (2001, p. 28):

Parte-se de duas concepções complementares de narratividade: narratividade como transformação de estados, de situações, operada pelo fazer transformador de um sujeito, que age no e sobre o mundo em busca de certos valores investidos nos objetos; narratividade como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos-valor. Em outros termos, as estruturas narrativas simulam a história da busca de valores, da procura de sentido.

Ao explorar a sintaxe (modos de projeção das categorias de pessoa, tempo e espaço no enunciado) e a semântica (temas e figuras) discursivas de “Fórmula mágica da paz”, pudemos perceber que o discurso da letra privilegia a segunda concepção. Não há grandes transformações, apenas a constatação de um estado de constante disjunção, de privação dos sujeitos periféricos com uma condição melhor de vida dentro do “campo minado” que é a periferia: “Nada de roupa, nada de carro, sem emprego/ Não tem lbope, não tem rolê sem dinheiro/ Sendo assim, sem chance, sem mulher”. Coloca-se em cena, portanto, um sujeito em falta, um sujeito em disjunção com objetos-valor de toda ordem, do mundo do consumo, existenciais, etc.

Com a vida periférica marcada, essencialmente, por essa falta, que move, à vista disso, o desejo de transformação dessa situação, configura-se um sujeito do querer, do *querer-ser*, que pode motivar um *querer-fazer* a qualquer preço, levando o sujeito a seguir, para isso, caminhos que não deveria seguir. Nesse sentido, o discurso da letra vai procurar mostrar, retomando uma velha tópica, que na periferia dois caminhos para a transformação do estado de constante disjunção se apresentam: um entendido como o “caminho do bem”, e o outro, como o “caminho do mal”. Há aqueles que, como o narrador, não se deixam levar pelo poder de tentação dos valores de consumo da sociedade capitalista e percebem que o melhor é se manter em uma trajetória de vida pacífica e íntegra, procurando se afastar de “treta, tiro, sangue”, enquanto há outros, como muitos de seus conhecidos, que enveredam pelo caminho da criminalidade, do tráfico, do roubo, da violência e acabam perdendo a vida. Diante dessa bifurcação de rumos possíveis, é a escolha da trajetória pautada por uma conduta correta o recado que quer passar o enunciado. Por isso, é a procura pela “fórmula mágica da paz”, concebida como um objeto-modal que fornece a competência para se manter vivo, para sobreviver, aquilo que, segundo o narrador, deve ser buscado: “Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis (diz)/ Procure a sua, a minha eu vou atrás, até mais/ Da fórmula mágica da paz”.

Podemos, então, pensar nesse sujeito de estado, o morador da periferia, como aquele que deve buscar, antes de mais nada, sobreviver em meio a um mundo de forças antagonistas no qual circulam objetos-valor contraditórios, oferecidos por oponentes, mais especificamente, anti-Destinadores, que atrapalham esse percurso narrativo de sobrevivência (criminalidade, drogas, violência suicida, injustiça social, etc), oferecendo valores que levam à morte. Mas há também os adjuvantes, que procuram auxiliar esse sujeito em sua trajetória (a própria comunidade, os “manos sangue bom”, como se coloca o narrador). Essa caracterização narrativa bipartida já revela a complexidade da situação existencial vivida pelo sujeito periférico, que oscila entre a sensação de conjunção com um valor disfórico, que lhe soa como um anti-objeto-valor, levando-o a *querer-não-ser* (“Essa porra é um campo minado/ Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui?”), e a percepção de apego, de valorização positiva deste mesmo objeto (“Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho/ A minha vida é aqui, eu não consigo sair”), concebido como um objeto-modal que lhe permite o *saber/poder-ser*: “Ensino da favela foi muito bom pra mim”.

É, em suma, a tentativa de estabelecimento de contrato entre aquele que atua como um Destinator e a quem se dirige como um Destinatário que se destaca na estruturação narrativa subjacente ao discurso da letra, sendo a fórmula mágica da paz apresentada como o verdadeiro objeto-modal a ser buscado por esses sujeitos em falta, uma vez que apenas ela pode ajudá-los a garantir a conjunção com seu real objeto-valor, a vida, a sobrevivência. Esse Destinator-manipulador, todavia, fonte dos valores, aquele que “determina os valores que serão visados pelo sujeito” (Barros, 2001, p. 37), preenchido semanticamente pela figura do narrador, faz questão de estabelecer com seu Destinatário uma comunicação horizontal, de igual para igual (“Ninguém é mais que ninguém, absolutamente/ Aqui quem fala é *mais um* sobrevivente”), colocando-se também como um Sujeito dessa busca: “Eu vou procurar, sei que vou encontrar/ (Procure a sua)/ Eu vou procurar, eu vou procurar”.

O narrador reveste, dessa forma, ao mesmo tempo, as funções actanciais de Destinator-manipulador, Sujeito do estado e Sujeito do fazer, instituindo percursos narrativos que correm em paralelo, articulando-se. De um lado, ele é quem busca levar a fazer, exercendo seu *fazer-criar* persuasivo; de outro, é mais um sujeito de estado em disjunção com seu objeto-modal: a fórmula mágica da paz. Trata-se, portanto, de um sujeito que conta a própria história, o próprio percurso narrativo, a sua relação com a periferia, mas a partir de situações que figuram como uma espécie de parábola, de pequenas narrativas com função alegórica para transmitir um ensinamento — tal qual as parábolas bíblicas, como comprovam as frequentes referências à bíblia e à religião que aparecem, em especial, neste quarto álbum do grupo, *Sobrevivendo no inferno*. Isso confirma a predominância, no discurso da letra, de um programa narrativo de manipulação,

que, de acordo com Barros (2001, p. 38), pode ser examinado “em três etapas: o contrato fiduciário, em que é estabelecido um mínimo de confiança; o espaço cognitivo da persuasão e da interpretação; a aceitação ou a recusa do contrato”.

Em “Fórmula mágica da paz”, o narrador, projetado como Sujeito narrativo e Destinador-manipulador, pretende fazer com que seu Destinatário (o sujeito periférico), ao exercer seu fazer interpretativo, creia ser verdadeiro o valor do objeto-modal a ele proposto (a fórmula mágica da paz), e, para isso, sabe que precisa ganhar a sua confiança. Ainda nas palavras de Barros (2001, p. 37): “A confiança entre os homens fundamenta a confiança nas palavras deles sobre as coisas e o mundo e, finalmente, a confiança ou a crença nas coisas e no mundo”. Expor o seu próprio percurso narrativo, o seu desejo de busca, funciona, dessa forma, como estratégia persuasiva que vai além do efeito de proximidade entre narrador e narratário, buscando também o efeito de cumplicidade: “Eu sei como é que é, é foda, parceiro”; afinal, conforme ressalta Barros (2001, p. 39), “o bom funcionamento da manipulação pressupõe uma certa cumplicidade entre manipulador e manipulado”. Ademais, essa estratégia discursiva acaba por atribuir ao outro competência semântica e competência modal, o que fortalece a ideia da possibilidade do fazer esperado, da performance:

O percurso do destinador-manipulador é [...] formado por um programa, em geral complexo, de doação de competência semântica e modal ao destinatário, que será sujeito do fazer. [...] A dotação de *competência semântica* ou manipulação cognitiva tem todas as características do programa de competência e deve ser entendida como um contrato fiduciário, em que o destinador, graças a um fazer persuasivo, busca a adesão do destinatário. [...] A atribuição de *competência modal* ao sujeito, para levá-lo a fazer, constitui a manipulação propriamente dita e pressupõe o contrato fiduciário acima referido (Barros, 2001, p. 37).

Nesse sentido, o narrador-Destinador-manipulador, ao compartilhar suas impressões pessoais, seus antigos anseios, as situações vividas, seus medos e sua revolta, não apenas se constitui como um igual, “mais um sobrevivente”, mas mostra de onde vem a sua força, a sua vontade de mudar, a competência de um sujeito que quer, sabe e pode fazer, de modo que a performance é dada como certa: “Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz/ De encontrar a fórmula mágica da paz/ Eu vou procurar, sei que vou encontrar”. Sendo como todos aqueles que vivem nas periferias, a segurança na competência adquirida pelas mesmas experiências cotidianas acaba por funcionar como uma doação de competência que reforça a capacidade do Destinatário e, concomitantemente, o convite para uma busca conjunta: “Procure a sua paz (paz)/ Não se acostume com esse cotidiano violento/ Que essa não é a sua vida/ Essa não é a minha vida, morou, mano?/ (Procure a sua paz)”.

O Destinator-manipulador vai além, dessa forma, da intenção de tentar despertar um querer-fazer mais apropriado por parte do Destinatário e, por isso, coloca-o também diante de um dever-fazer prioritário, uma vez que a morte é disforizada, e a vida, euforizada. Para isso, em sua estratégia argumentativa, procura mostrar, colocando lado a lado, as diferentes trajetórias que existem dentro da periferia e suas consequências, ressaltando qual o caminho que os sujeitos precisam escolher seguir a fim de alcançar a sobrevivência. A manipulação propriamente dita se dá, nesse sentido, no discurso da letra, por intimidação, mas também por tentação e, mais indiretamente, por sedução³: “Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho”, “Que essa não é a sua vida/ Essa não é a minha vida, morou, mano?”.

O narrador-Destinator, para levar a fazer, a aceitar o contrato proposto, procura, então, chamar a atenção de seu narratário-destinatário, tanto para as consequências colhidas por aqueles que não se empenharam na busca pela fórmula mágica da paz, a morte — “Admirava os ladrão e os malandro mais velho/ Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga/ O que melhorou? Da função, quem sobrou?/ Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá/ Qual a próxima mãe que vai chorar?”; “Meus outros manos, todos foram longe demais/ Cemitério São Luiz, aqui jaz”; “Você pode encontrar o seu inferno” —, quanto para o que se pode ganhar aceitando o seu convite de busca conjunta, a vida: “Há! Demorou, mas hoje eu posso compreender/ Que malandragem de verdade é viver”; “Não é por nada não, mas aí, nem me liga, ó/ A minha liberdade eu curto bem melhor”; “Eu tenho muito a agradecer por tudo/ (Agradeço a Deus e aos orixás)/ [...] Cheguei aos vinte e sete/ Eu sou um vencedor, tá ligado, mano?”; “Você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso”.

Assim, o mundo do crime se apresenta como um caminho para a morte; também o vício em drogas, uma trilha para a perdição; e a violência, principalmente, é entendida como a razão central do ciclo de morte, inclusive com alguns periféricos se destruindo mutuamente: “A gente vive se matando irmão, por quê?”. Esses elementos representam escolhas de vida disfóricas, negativas. Não se configuram como maneiras de alcançar a sobrevivência, mas afastam o sujeito desse objetivo final, fazendo parte de um percurso de morte e destruição que precisa ser evitado. Por outro lado, nesse conflito entre percursos narrativos, o Destinator-manipulador procura mostrar o caminho que pertence à verdadeira “malandragem”⁴, a conduta correta para se manter vivo. Essa é a trajetória marcada pelos aprendizados periféricos, que moldam o caráter.

³ Para mais detalhes sobre os tipos de manipulação previstos pela proposta teórico-metodológica da Semiótica Discursiva, consultar Barros (2001).

⁴ É curiosa a associação do caminho de respeito, integridade e paz à figura do malandro, cujo sentido histórico — forte, por exemplo, na tradição do samba — é justamente o de alguém que, à margem da sociedade, tem que se virar como pode na adversidade, não se submetendo às leis, às normas de “bons

De toda forma, sabendo da força persuasiva dos anti-Destinatadores, que se tonificam quanto maior é a consciência das injustiças sociais, do descaso e da indiferença com a situação de vida na periferia, esse narrador-Destinatador-manipulador, mesmo sabendo que o sistema de valores no qual assenta a sua tentativa de convencimento é compartilhado pelo Destinatário, prevê a sua desconfiança (“Você não bota uma fé, mas eu vou atrás”); o que explica as diferentes formas de manipulação, de estratégias persuasivas por ele utilizadas. Mas a aceitação (ou não) do contrato não é discursivizada no enunciado da letra, fazendo dela realmente um convite aberto e, assim, sempre atualizado, de busca da fórmula mágica da paz.

1.3 A base argumentativa

Podemos agora nos debruçar sobre a disposição argumentativa fundamental do discurso de “Fórmula mágica da paz”, procurando depreender do enunciado da letra a sua estruturação mais abstrata, as categorias semânticas que estão na base de sua construção de sentido. Trata-se da organização estrutural mínima do discurso, que “descreve e explica o modo de existência da significação como um microsistema relacional [...], como estrutura elementar” (Barros, 2001, p. 20). Essa estrutura é composta de dois termos, dois microuniversos semânticos predominantes no discurso — e bastante abstratos, uma vez que sustentam toda a construção argumentativa do enunciado em seus diferentes níveis de organização e complexificação —, mantendo entre si uma relação de oposição por contraste, mas dentro de um mesmo eixo semântico. Cada um desses dois termos pode ainda projetar, por meio da operação de negação, um novo termo, seu contraditório; afinal, “todo semantismo articula-se em categorias semânticas que [...] se tornam operatórias e adquirem estatuto lógico-semântico” (Barros, 2001, p. 24).

Em “Fórmula mágica da paz”, por exemplo, é fácil perceber a oposição semântica que se estabelece entre vida e morte (vida vs. morte) e que, como vimos, sustenta o desenvolvimento argumentativo do discurso da letra. A definição inicial da periferia como um “campo minado”, já aponta para esse contexto como um espaço de contínua tensão entre a vida e a morte; daí o tema da luta pela sobrevivência se colocar como dominante. A própria ideia de sobrevivência (“Aqui quem fala é mais um sobrevivente”) como uma necessidade (um dever-ser/fazer), da condição dos sujeitos pretos, pobres, periféricos como sobreviventes, já aponta para uma situação de constante tentativa de negação

costumes”. Na letra, a malandragem a que remete o Racionais, muito embora mantenha traços em comum com esse ponto de vista, é de outra ordem: “Não é por nada não, mas aí, nem me liga, ó/ A minha liberdade eu curto bem melhor/ Eu não tô nem aí pra o que os outros fala/ Quatro, cinco, seis preto num Opala/ Pode vir, gambé, paga pau, tô na minha, na moral, na maior/ Sem goró, sem pacau, sem pó/ Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra”.

da afirmação da morte, em favor da afirmação da vida; o que os coloca, portanto, em uma condição de não-vida.

É justamente aí que se firma a organização estrutural da base argumentativa da letra: levar o Destinatário a seguir resistindo aos caminhos que podem o aproximar da afirmação da morte, escolhendo, ao contrário, favorecer os comportamentos que, mesmo na situação de não-vida, podem mantê-lo mais próximos da afirmação da vida. Assim, é a partir desse ponto de dupla possibilidade de continuidade do percurso (da não-vida para uma afirmação da vida, ou para a afirmação da morte) que se constrói a estrutura elementar da significação do discurso de “Fórmula mágica da paz”, tonificando os conteúdos de morte para então negá-los em favor da afirmação dos conteúdos de vida.

A oposição semântica de base desenha, portanto, percursos orientados, um percurso narrativo mínimo organizado pelas operações sintáticas de negação e afirmação: “negam um conteúdo e afirmam outro, engendrando a significação e tornando-a [...] passível de narrativização” (Barros, 2001, p. 23). No discurso da letra em análise, esse percurso, que já pressupõe um sujeito produtor de sentido (Barros, 2001, p. 22), um posicionamento argumentativo, é aquele que defende, no interior desse cenário de violência generalizada, a negação da afirmação da morte, o caminho previsto para uma afirmação da vida por meio da fórmula mágica da paz.

Dois percursos básicos, colocados em paralelo, cruzam-se, mas relacionando-se por oposição e axiologizados também de modo contrastante, pela projeção da categoria tímica /euforia/ vs. /disforia/: o percurso que leva à vida é anunciado como o bom caminho, o percurso eufórico, enquanto aquele que leva à morte, como o mau caminho, o percurso disfórico. Ainda nas palavras de Barros (2001, p. 24), “os termos da categoria semântica assim investidos são ditos valores axiológicos, e não apenas valores descritivos”, complementando:

A aplicação do *tímico* sobre o *descritivo* e os valores axiológicos resultantes, além de constituírem sistemas de valores virtuais a serem explorados pelo sujeito da enunciação, têm especial interesse para explicarem-se, na instância narrativa, as articulações modo-passionais que regem as relações entre os sujeitos e os objetos (Barros, 2001, p. 25, grifos da autora).

Isso acontece porque a categoria tímica, enquanto categoria proprioceptiva, remete à disposição afetiva elementar de um sujeito que sente e reage a seu entorno, estabelecendo com ele uma relação de atração e repulsão. *Morte* é, nesse sentido, o valor descritivo assumido pelo narrador como o valor axiológico/tímico negativo, disfórico, de repulsão, pois, é o resultado da violência que circunda os moradores da periferia, o fim daqueles que acabam por seguir o mau caminho: “Parei no meio do caminho e olhei pra trás/ Meus outros manos, todos foram longe demais/ Cemitério São Luiz, aqui jaz”; enquanto *vida* é o valor

positivo, eufórico, o bem que precisa ser preservado por meio de um cessar fogo, da interrupção da violência: “Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho”) em favor da fórmula mágica da paz (“Eu vou procurar e sei que vou encontrar/ Procure a sua paz”. Mas a própria narrativa conta que nem sempre foi assim, que já houve um momento em que a axiologização desses valores era inversa, até se chegar à consciência das consequências dessa valoração equivocada: “Admirava os ladrão e os malandro mais velho/ [...] Há! Demorou, mas hoje eu posso compreender/ Que malandragem de verdade é viver”. Com isso, o narrador mostra que é ainda possível inverter os polos, a relação tímica com os microuniversos de morte e de vida. Uma luta cotidiana para, de um lado, se afastar do caminho certo da morte (“Aqui vale muito pouco a sua vida/ Nossa lei é falha, violenta e suicida), e, de outro, se aproximar dos rumos que, nesse espaço de não-vida, podem mantê-los mais próximos da vida: “Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho/ Vou dizer/ (Procure a sua paz)”. É isso que faz desses sujeitos narrativos sujeitos de resistência, que resistem o quanto podem, não cedem nem sucumbem, suportando as dificuldades, a indiferença. E essa força é, de fato, motivo de orgulho, do orgulho periférico de que fala D’Andrea (2013).

Considerações finais

Por tudo que a análise mostrou, pode-se perceber que “Fórmula mágica da paz” apresenta um discurso de enfrentamento a um mundo violento que oprime diariamente, demandando força e coragem para seguir em frente, demandando resistência. Por isso mesmo, emerge dessa letra, e de outras do Racionais, a subjetividade de um sujeito, morador da periferia, que não se coloca nessa luta como vítima, mas como sujeito dotado de potência, que, apesar de tudo que enfrenta no cotidiano, ainda assim, se mantém vivo, resiste: “Cheguei aos vinte e sete/ Eu sou um vencedor, tá ligado, mano?”. Ademais, esse discurso se constrói como um convite, fortalecido ao ser dirigido a outros que certamente podem se reconhecer nesse sujeito autodescrito como um igual e cuja voz não é individual, mas coletiva; não a voz e a subjetividade de um eu, mas a voz e subjetividade da periferia. Robustece-se o senso de comunidade, de pertencimento, de que “somos todos um”, fazendo emergir a força da periferia; logo, do orgulho de ser periférico.

As situações narradas, bem como os pensamentos que as envolvem, são comuns para o enunciatário, pois fazem parte de sua experiência social, e essa possibilidade de identificação com o contexto desse eu da enunciação enunciada, com aquilo que ele diz, pensa e sente, consegue, pois, convocar os sujeitos da periferia para uma reflexão crítica sobre o seu entorno e para a necessidade de uma mudança de pensamento, de atitude, dentro do cotidiano periférico, assumindo as rédeas de suas escolhas ao invés de simplesmente seguir o caminho traçado que leva da não-vida à morte.

A periferia retratada pela letra de “Fórmula mágica da paz” é apresentada não como um paraíso, mas, pelo contrário, como um inferno, um lugar perigoso, problemático, um “campo minado” ao qual seus moradores precisam buscar sobreviver. Alguns dos dramas habituais que são explorados (pobreza, violência, dependência química, assassinato, injustiça social, etc.), temas centrais do discurso da letra, ganham corpo pela estratégia de figurativização icônica, (re)construindo cenários capazes de fazer-sentir, de sensibilizar ainda mais a interpretação do enunciatário, ao mesmo tempo que procuram reforçar a capacidade de luta pela sobrevivência desses sujeitos.

Por meio da exposição das mazelas do cotidiano periférico, que oscila entre momentos de paz e de guerra, o discurso faz surgir a compreensão de que estar vivo já é vitória, e que se manter vivo, dentro dessa realidade adversa, é só para os corajosos. Viver é, nesse sentido, resistir, impor-se contra o que foi estabelecido pelo sistema, por uma desigualdade social estrutural, provando seu valor, sua força, sua autossuficiência, perante um mundo que normalmente os descredibiliza de qualquer competência.

A valorização dos sujeitos periféricos se sustenta, em suma, justamente nesse reconhecimento das adversidades desse “campo minado” que é enfrentado diariamente, iluminando uma existência concessiva. Mesmo em meio a um mundo de destruição, violência e morte, com um sujeito da falta, em uma situação constante de não-vida, ainda assim, resistem, sobrevivem e podem (devem!) ter uma perspectiva melhor para as suas vidas, almejando um futuro diferente daquele que a eles é destinado.

A letra de “Fórmula mágica da paz” se constitui, portanto, como um enunciado de resistência, que convoca a autovalorização de seu enunciatário, por meio de um discurso crítico e combativo, um discurso de luta, que “revida e contesta seu estigma de maneira ‘verídica’, como um ‘efeito colateral’, por meio de palavras que valem por tiros; torna-se mais perigoso do que o previsto, ao suscitar uma mudança de atitude entre os negros e os pobres” (Sciré, 2023, p. 220). Ao fazer isso, o discurso da letra acaba por funcionar como um “fortalecimento da estima do morador da periferia, do negro, do jovem”, como defende D’Andrea (2013, p. 102), permitindo a ele se enxergar como sujeito capaz de transformar a sua realidade, dotado de força. É daí que emerge o efeito de orgulho periférico. Trata-se, assim, de um sentimento que emerge a partir de estratégias discursivas voltadas a estimular uma percepção crítica acerca da realidade periférica e da própria existência daqueles que vivem, que sobrevivem, nesse contexto. Ao trazer à tona os males presentes na periferia, expondo suas feridas a partir de um ponto de vista interno, por um eu que é também parte dessa realidade, a letra busca, na verdade, levantar a estima de seus moradores, lembrá-los da possibilidade de escolha, de que são capazes de enfrentar esse

mundo e também de transformá-lo, e que, por isso mesmo, devem ter orgulho de sua posição histórica, social e cultural. ●

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- CARVALHO, José Ricardo. Educação, identidade e literatura oral: o griot na diáspora africana. *Revista Fórum Identidades*, v. 16, n. 16, p. 313-336, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/4272/3549>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013.
- FERNANDES, Joseli Aparecida; PEREIRA, Cilene Margarete. Do *griot* ao rapper: narrativas da comunidade. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 15, n. 2, p. 620-632, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i2.4261>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- FERREIRA, Amanda Crispim. Recordar é preciso: considerações sobre a figura do Griot e a importância de suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira. *Revista em Tese*, v. 18, n. 2, p. 141-155, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3813/3759>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.
- GUTIERREZ, Gabriel. Em busca da fórmula mágica da paz: os Racionais Mc's e seu rap político. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. *Intercom — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Rio de Janeiro: Intercom. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1422-1.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.
- KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. *São Paulo em perspectiva*, v. 13, n. 3, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000300013>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- LIMA, Eliane Soares. O discurso de uma fotografia de imprensa: uma abordagem semiótica. In: GARCIA, Bianca Rigamoti Valeiro *et al.* (org.). *Análises do discurso: o diálogo entre as várias tendências na USP*. São Paulo: Paulistana, 2009. p. 190. 203. Disponível em: <https://eped.fflch.usp.br/sites/eped.fflch.usp.br/files/O%20di%C3%A1logo%20entre%20as%20v%C3%A1rias%20tend%C3%Aancias%20na%20USP%20-%20I%20EPED.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- MELO, Marilene Carlos do. A figura do griot e a relação memória e narrativa. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (org.). *Griots, culturas africanas, linguagem, memória, imaginário*. Natal: Lucgraf, 2009. p. 148-156.
- OLIVEIRA, Leandro Silva de; SEGRETO, Marcelo; CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. Vozes periféricas expansão, imersão e diálogo na obra dos Racionais MC's. *Revista do Instituto de*

Estudos Brasileiros, n. 56, p. 252-260, 2013. Disponível em:

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p101-126>. Acesso em: 4 set. 2024.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCIRÉ, Rachel. Quatro pretos perigosos: figuras de marginalidade em “capítulo 4, versículo 3” e “na fé irmão”. In: SANTOS, Jaqueline Lima; VIEIRA, Daniela (org.). *Racionais: entre o gatilho e a tempestade*. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2023. p. 208-231.

SEGRETO, Marcelo. *A canção e a oralização: sílaba, palavra e frase*. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.

SEGRETO, Marcelo. *A linguagem cancional do rap*. 2015. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2015.

VIANNA, Cíntia Camargo. *Movimento Hip Hop paulistano: a produção artística dos Racionais MC's*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/55275b6e-993b-4c5f-b571-176516b6aa5c/content>. Acesso em: 11 set. 2024.

 **Slum pride in “Fórmula mágica da paz” by Racionais MC’S:
a semiotic analysis**

 SOUZA, Lucas Rony Araújo Pereira de

 LIMA, Eliane Soares de

Abstract: One of the pioneer rap groups in Brazil, Racionais MC's has been, since the 1990s, among the main people responsible for creating a new way for the slum-dwellers to see themselves facing the world. Their songs of protest and denunciation critically consider the reality of young people from the slums and encourage a position no longer shaped by depreciation, but rather by pride in being slum-dwellers, according to Tiarajú Pablo D'Andrea (2013). The aim of this article is therefore to understand how the group's lyrics help to promote this transformation in social thinking. Using the theoretical-methodological proposal of Semiotics of Discourse, we will try to describe the linguistic conditions that make it possible to produce this effect of slum pride that the sociologist talks about. Our proposal is to explore the different levels of discourse construction in one of the emblematic lyrics from the album *Sobrevivendo no inferno* (1997), “Fórmula mágica da paz” [Magic Formula for Peace]. Taking a close look at this song, we will try to observe the enunciative strategies employed and the persuasive resources that stand out the most. We believe that this investigation may point to a standard discursive form, which can also be recognized in the other tracks on the same album and might be responsible for the recurring incitement to the feeling of slum-dweller pride.

Keywords: rap; Racionais MC's; slum pride; slum; Semiotics of Discourse.

Como citar este artigo

SOUZA, Lucas Rony Araújo Pereira de; LIMA, Eliane Soares de. O orgulho periférico em “Fórmula mágica da paz” do Racionais MC's: uma análise semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, n. 1. São Paulo, abril de 2025. p. 1-23. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

SOUZA, Lucas Rony Araújo Pereira de; LIMA, Eliane Soares de. O orgulho periférico em “Fórmula mágica da paz” do Racionais MC's: uma análise semiótica. *Estudos Semióticos* [online], vol. 21, issue 1. São Paulo, April 2025. p. 1-23. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 30/09/2024.

Data de aprovação do artigo: 11/02/2025.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

